Revista Café com Sociologia

Volume 5, número 2, Mai./Agos. 2016

SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO E DA ESCOLA:
elaboração de um plano/proposta para um campus do IFBA – uma visão dos estudantes do Ensino Médio Integrado

Márcio Nicory Costa Souza[1]

Resumo

Este relato tem o intuito de socializar alguns aspectos da experiência didática realizada no início do ano de 2014, a partir de uma atividade no âmbito de uma unidade temática da disciplina Sociologia. Apresentamos detalhamento das ações realizadas e os resultados gerados, bem como considerações sobre as propostas para o campus e impressões sobre as dificuldades encontradas no caminho. Em anexo, a íntegra da versão final da proposta "o IFBA que queremos".

Palavras-chave: Experiência Didática. Ensino de Sociologia. Proposta/Plano.

SOCIOLOGY OF EDUCATION AND SCHOOL:
drawing up a plan/proposal for a campus IFBA – a vision of students of the Integrated High School

Abstract

This report aims to socialize some aspects of teaching experience held at the beginning of 2014, from an activity under a thematic unit of sociology school subject. We present details of the actions taken and the results generated, as well as consideration of the proposals for the campus and impressions about the difficulties encountered along the way. Attached is the full text of the final version of the proposal "the IFBA we want."

Keywords: Teaching Experience. Educational Sociology. Proposal/Plan.

1 Professor de Sociologia no Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Bahia – IFBA. Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais – UFBA e Mestre em Ciências Sociais – PPGCS/UFBA. Membro do Núcleo de Pesquisas em Humanidades, Educação e Ciências – NUPHEC. E-mail: mnciso@hotmail.com.

A intenção deste texto é socializar aspectos da experiência didática vivenciada em janeiro e fevereiro de 2014, a partir de uma atividade no âmbito de uma unidade temática de Sociologia, com estudantes do terceiro ano do ensino médio integrado nos cursos de Biocombustíveis, Informática e Eletromecânica) em um campus do interior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA.

Discorremos sobre as ações que foram arroladas para a elaboração de um plano ou proposta intitulado "O IFBA que queremos", sob as expectativas e pelas percepções dos estudantes do terceiro ano do ensino médio integrado, bem como tecemos algumas considerações sobre impressões do processo.

Recolhendo ideias e construindo propostas

Ia preparar o psicológico para voltar às minhas aulas no IFBA,
mas nem paciência pra isso eu tenho mais.
(Estudante, registro em rede social, 19.01.2014)

O planejamento inicial para quarta unidade temática "Sociologia da Educação e da Escola" de Sociologia para os terceiros anos da modalidade integrada era tratar alguns dos conteúdos previstos no plano de curso a partir de aulas expositivas, discussões e debates a partir de textos ou problematizações. Apresentaríamos alguns autores que tratam da questão escolar e discutiríamos, pela comparação, a nossa realidade como campus de um instituto federal de educação técnica profissionalizante.

A ideia a ser apresentada surgiu do prognóstico de cansaço e fadiga quanto às sequências e instruções didáticas nas demais unidades e igualmente recorrentes nos procedimentos de outros professores[2]. Este cansaço, também expresso nas fisionomias dos estudantes parecia indicar que a colaboração para tal ensejo seria forçosa e comprometida apenas com a aprovação. Considerando este prognóstico, passei a reflexão e me submeti às leituras e releituras e à elaboração de outro tratamento

2 Lembrei-me de fragmentos do depoimento dado por François Dubet em entrevista concedida à Revista Brasileira de Educação, quando, expressa suas impressões sobre a experiência como docente por um ano em uma escola na periferia de Bourdoux, França. Para ele, "os alunos não estão 'naturalmente' dispostos a fazer o papel de aluno. Dito de outra forma, para começar, a situação escolar é definida pelos alunos como uma situação, não de hostilidade, mas de resistência ao professor. Isto significa que eles não escutam e nem trabalham espontaneamente, eles se aborrecem ou fazem outra coisa" (DUBET, 1997, p. 223).

para a temática. Entre estas, me deparei com uma provocante citação de Maria Teresa Nidelcoff (1987, p. 18):

> Devemos perceber como nossas atitudes, as atitudes que ajudamos a desenvolver, a forma de organizar nosso trabalho e os conhecimentos que selecionamos ajudam a manter a ignorância, o acatamento e a derrota ou ajudam a tornar indivíduos despertos, informados, críticos e com a sã rebeldia que pode alimentar a vontade de mudar as coisas.

Em função de repetidas queixas e desagrados por conta de problemas de ordem administrativa-operacional e também de ordem infraestrutural, decidi propor a elaboração de um plano/proposta para o campus no qual trabalho. Pensar o campus pareceu a mim harmonizável às possíveis zonas de relevância e as atenções seletivas, nos termos em que escreve Schutz (1979), pela experiência, por parte dos alunos, ancorado sobre o escopo da temática prevista na unidade temática.

> [...] os alunos possuem uma experiência que não poderá ser ignorada pela escola, experiência das situações da vida, das relações pessoais, bem como uma significativa multiplicidade de informações e conhecimentos, embora de forma fragmentada e dispersa. Portanto, a identificação dos temas ou problemas que se mostram mais importantes para os educandos constitui fator relevante na definição do material da realidade a ser estudado no decorrer do processo de ensino. (SNYDERS, 1974 apud LOPES, 1996, p. 46)

Confesso que tive certa apreensão sobre o interesse e a mobilização dos estudantes para tal proposição, uma vez que, ainda que cansados e abatidos, uma proposição reprodutivista, nos termos em que Mizukami (1986) categoriza como abordagem tradicional, centrada no professor[3], uma concepção tecnicista de educação (LOPES, 1996), poderia ser mais fácil para mim e de administrar por parte da maioria dos estudantes. Era só eu despejar uma gama de saberes sistemáticos historicamente acumulados sobre os conteúdos da unidade temática, passar materiais instrucionais para leitura direta e/ou complementar, ministrar aulas expositivas e exercícios de aplicação, marcar avaliações pontuais escritas e fim. Mais uma vez, nos lembra Nildecoff (1987, p. 21):

> [...] ter uma constante atitude de inquietação em fomentar a criatividade. Às vezes estamos dispostos, quando muito, a tolerá-los, e esperamos que os alunos nos façam propostas criativas, mas estas não surgem com facilidade, seja porque os alunos estão por demais acostumados ao hábito da dependência e da repetição, seja porque não imaginam que, na realidade, numa sala de aula há espaço para quase tudo, se assim o desejamos. É nosso papel,

3 "O professor traz o conteúdo pronto e o aluno se limita, passivamente, a escutá-lo. O ponto fundamental desse processo será o produto da aprendizagem. A reprodução dos conteúdos feita pelo aluno, de forma automática e sem variações, na maioria das vezes, é considerada como um poderoso e suficiente indicador de que houve aprendizagem e de que, portanto, o produto está assegurado. A didática tradicional quase que poderia ser resumida, pois, em 'dar a lição' e em 'tomar a lição'." (MIZUKAMI, 1986, p. 15)

> portanto, dar-lhes pistas, fazer-lhes propostas, abrir-lhes trilhas para que possam começar a caminhar.

Bom, foi isso que fizemos, ou melhor, tentamos fazer.

Primeiramente imaginávamos 4 encontros com 100 minutos de duração (dois tempos de aula). Iniciamos a partir de uma sessão que denominamos "Recolhendo ideias". Nesta, a partir de duas perguntas – "Como é a escola (IFBA) que você estuda? (Descreva)" e "Que escola nós queremos? Como ela seria?" – incitamos os estudantes, organizados em pequenos grupos (até quatro integrantes), a discutirem suas impressões para a primeira indagação e que a registrassem numa face de uma folha de papel distribuída previamente. Em seguida, apresentamos a segunda indagação e pedimos para que procedessem da mesma forma, registrando na outra face da mesma folha.

A partir das respostas, pedimos para que respondessem voluntariamente se "há diferenças entre a escola que você estuda e a escola que você quer? Se sim, quais?". O que parecia evidente, pela observação informal e agora pelo cotejamento, se confirmava: havia uma insatisfação e grandes diferenças entre o "real" e o que seria a "escola ideal", ou a escola desejada por aqueles estudantes terceiroanistas.

Encerramos este primeiro encontro/sessão com a exposição oral de cada um dos estudantes sobre quais seriam essas diferenças e com o recolhimento deste material escrito.

Neste primeiro encontro, suponho que pareceu contribuir também, além do esforço de problematização da própria condição de estudante e por estarmos tocando de certo modo no "calcanhar de Aquiles" da insatisfação, o caráter "prático" e grupal da atividade.

> A minha segunda surpresa: é preciso ocupar constantemente os alunos. Não são alunos capazes de fingir que estão ouvindo, sonhando com outra coisa e não fazer barulho. Se você não os ocupa com alguma coisa, eles falam. É extremamente cansativo dar a aula já que é necessário a toda hora dar tarefas, seduzir, ameaçar, falar [...] (DUBET, 1997, p. 223).

Apesar das diferenças contextuais entre o caso francês e o nosso, vejo muitas semelhanças às impressões de François Dubet quanto à sua experiência como professor de Geografia e História em escola na periferia de Bourdoux. O fato de passarmos tarefas parecia ser mais palatável, ainda aceitável, ao contrário da audiência a aulas expositivas, cujo desgaste para a execução se aproximaria da descrição do sociólogo francês.

De posse do primeiro material, procedi uma leitura superficial das respostas organizadas e listadas por escrito por cada grupo e realizei uma primeira comparação entre elas. Perante a variedade e abrangência das respostas sobre as "escolas real e ideal", confesso que me surpreendi positivamente com o nível preliminar de envolvimento para uma atividade que supus, diante das circunstâncias apresentadas, tendente a um enorme fracasso. Da surpresa me vi tomado pela motivação em levar adiante e verificar até onde poderíamos chegar nesta proposição. Decidi sistematizar as respostas para as duas perguntas e tentar aglutinar em algumas categorias, agrupando-as por semelhança, digitar e apresentar em slides como primeiro produto do trabalho realizado pelos grupos.

Em função das respostas, criamos algumas categorias – Estrutura Física (EF), Organização curricular e didática (OCD), Modelo de Gestão/Organização administrativa (MG), Relações docente-discente/Discente-Administração-Gestão (RDD) e Pesquisa e Extensão (PE) –, bem como um detalhamento de amplitude ou escopo para cada uma delas, que denominamos de "definições". A partir daí, na segunda sessão, também intitulada "Recolhendo ideias", solicitamos que os mesmos grupos, de posse de seus esboços (agora comentados por mim com questionamentos) e com o esquema categórico novo, efetuassem o enquadramento e, quando julgassem necessário, debatessem ajustes nas pré-definições apresentadas ou mesmo nos nomes dados às categorias.

O que pudemos observar desta segunda proposição é que as pré-categorias e as definições serviram como disparadores de percepções não contempladas na sessão anterior com a provocação sobre "Que escola nós queremos? Como ela seria?", levando os estudantes a pensarem, sob a orientação das definições das pré-categorias, e listarem outros aspectos do espaço escolar. Pedimos para que registrassem também, complementando e enquadrando às categorias apresentadas ou ajustadas nas mesmas folhas utilizadas na primeira sessão.

A partir deste material, sob uma primeira reorganização, iniciamos um terceiro encontro que denominamos "Construindo propostas". Iniciei a aula expondo sobre a qualidade do material apresentado pelos grupos e, ao apresentar a missão do IFBA[4], lancei outra indagação: "O que a gente precisaria fazer para alcançar isso?", seguida de outras duas questões corolárias: "Para ter uma escola ideal, o que precisamos fazer?", "Quais tipos de ações precisam ser implementadas para cada item de cada tópico ou tema: EF, OCD, MG, RDD e PE?".

4 "Promover a formação do cidadão histórico-crítico, oferecendo ensino, pesquisa e extensão com qualidade socialmente referenciada, objetivando o desenvolvimento sustentável do país." (IFBA, 2013, p.20)

Orientei que precisaríamos pensar em ações ou um plano de ações para cada uma das ideias elencadas e que essas ações precisariam ser responsáveis e, portanto, justificadas e viabilizáveis – respondendo, portanto, a um "porquê" e um "como". Para ilustrar as orientações, exemplifiquei a partir das respostas apresentadas por eles. Assim, esbocei uma escala na qual num dos extremos estaria uma proposta como "Construção de um espaço para um refeitório" e no outro estaria "Gestão mais democrática e participativa/Escola mais organizada, "menos burocrática". Procurei ilustrar que a primeira proposição seria mais concreta e objetivável, já que seria razoável, que poderia ser debatida, defendida, argumentada com a gestão ou com as pessoas responsáveis para a operacionalização deste pleito. E que a segunda, noutro extremo, seria subjetiva, genérica e um tanto "pessoal", que precisaria ser detalhada ou explicitada para que os gestores, sob circunstâncias de uma apresentação, pudessem entender o que essa proposição engendra como ensejo ou desejo daquele coletivo. Isto é, que precisaríamos transformar todas as nossas propostas mais genéricas ou subjetivas em proposições mais concretas, tangíveis e operacionalizáveis. Foi nesse momento que começaram a "pipocar" sugestões de como convertê-las de forma que preservassem o interesse e motivação, mas que ficassem tangíveis, objetivas. Destaco uma resposta de um estudante e expressão de entendimento desse exercício que propusemos a todos, em grupos, para que fizessem neste terceiro encontro, a seguinte: "Ahhh, entendi, professor, quer dizer que a gente tem que falar num discurso que seja executável. Ou seja, a criação de um grêmio ou mesmo os estudantes serem consultados para decisões que afetam a eles... a gente poder participar dos momentos de decisão dos assuntos da instituição, como o calendário, os recessos...".

Com este entendimento, sugerimos que os grupos de trabalho se dividissem de maneira que cada um deles ficasse com um ou dois dos tópicos ou categorias sugeridas, passando a converter ou transformar as ideias ou propostas em "ações exequíveis", executáveis, negociáveis ou barganháveis. Cada grupo recebeu uma cópia da segunda versão, já com os agrupamentos das propostas em categorias. E, mais uma vez, ao término desta sessão, recolhemos todo material produzido e levamos para casa para digitar e proceder uma nova sistematização a partir das categorias apresentadas.

Na quarta sessão, levamos cópias impressas das "propostas convertidas em ações exequíveis" para serem avaliadas pelos grupos proponentes e verificassem também, pela justaposição, se concordavam com esta "resistematização" feita pelo professor. Levamos também um notebook e uma

impressora para a sala de aula, a fim de que, ao término da atividade proposta para esta aula, fizéssemos impressão das versões preliminares pré-aprovadas.

Nessa sessão, após as conferências e ajustes efetuados nas cópias das proposições, decidimos que – uma vez que estávamos construindo coletivamente uma coletânea de propostas/ideias para o campus – deveríamos apresentá-las aos gestores da escola, especialmente à Direção Geral e à Direção de Ensino, mas também, se possível, à Direção Administrativa, de forma que este documento fosse encaminhado e que seguisse os trâmites administrativos. Como sugestão de um estudante, decidimos que o texto final seria protocolado a estes setores e que marcaríamos, via memorando, uma reunião. Isto é, seguindo as "etapas da burocracia" institucional do campus.

Acordados de que procederiam assim, recomendei que achava melhor que representantes e não a turma toda apresentasse aleatoriamente a coletânea de proposições, argumentando que é uma prática recorrente e necessária em instâncias de negociação e que tende a facilitar o diálogo ou discussão entre as partes interessadas ou atingidas. Com a concordância, alguns estudantes sugeriram que fosse feita uma votação entre os possíveis interessados em ser representantes. Como não houve voluntários, sugeri que, entre os grupos de trabalho, fossem indicados até dois nomes e que todos os presentes manifestariam para cada um sua aprovação ou não ao nome. Os grupos assim procederam e os nomes foram registrados no quadro branco. Em seguida, indagamos, nome por nome, quem votaria como representante e computamos as manifestações de aprovação. Aqueles que foram os mais votados seriam os representantes. Mas quantos seriam eles? Um dos estudantes sugeriu que fossem escolhidos pelo menos 3 representantes, um para responder por cada curso: Biocombustíveis, Informática e Eletromecânica. Na concordância dos presentes, foram escolhidos quatro representantes, e não três, em função de um empate técnico entre dois integrantes.

Pudemos verificar que, ainda que essa modalidade de votação tenha sido mais exaustiva, o resultado não gerou objeções manifestadas. Ao contrário, pela transparência do pleito, os estudantes pareceram estar de acordo com os eleitos/escolhidos a partir da manifestação de voto direta e aberta[5].

Assim, o que planejávamos para durar por 4 encontros, durou 5. E deixamos para concluir a construção coletiva da coletânea para o encontro seguinte. Não custa lembrar que os encontros eram

5 Como alguns dos estudantes presentes também participam de fóruns de elaboração, discussão e proposição de normativas para o campus, tais como Regimento interno, comissões de eventos ou para outros assuntos, parece-nos que, aos poucos, se dissemina uma compreensão prática das formas de participação em instituições democráticas.

semanais e que aconteciam nos horários previstos na semana para a disciplina Sociologia. Já estávamos a mais de um mês envolvidos nessa atividade.

Dessa forma, na quinta sessão, levamos para a sala os mesmos equipamentos, acrescido de um projetor e procedemos para a ação didática final: ler e votar em cada uma das propostas, sugerindo revisões na redação, sejam supressões, sejam acréscimos ou mesmo fusões nas propostas, bem como possíveis realocações sob a orientação das definições das categorias.

Esta sessão foi a mais exaustiva para mim e para os estudantes. Custou boa dose de paciência para leituras e releituras das propostas, de maneira que aquele coletivo se reconhecesse com o texto a ser submetido à apreciação e negociação/argumentação com as direções geral e de ensino. Contudo, as duas aulas previstas foram suficientes para que saíssemos com um documento aceito pelos presentes e que representava os anseios daquele grupo de estudantes por uma escola, se não "ideal", com certeza melhor e mais interessante a partir das categorias supracitadas.

Redação aprovada, encaminhamos para a impressão ainda em sala de aula, organizamos e colhemos as assinaturas de todos os estudantes presentes e os representantes eleitos aproveitaram a disponibilidade dos equipamentos e redigiram um memorando – sob algumas orientações do professor – solicitando uma reunião para apresentar o documento às direções do campus.

Comentários às proposições

> A classe dominante argumentará que o testemunho dos alunos não deve ser levado em consideração. Eles não sabem, ainda... Quem sabe são os professores e os administradores (ALVES, 1994, p. 10).

Tecemos nesta seção breves comentários sobre a coletânea de propostas "O IFBA que queremos". Parte delas pode ser observado no anexo I a este artigo.

Quanto à categoria Estrutura Física (EF), observamos que as propostas dizem respeito, em sua maioria, a melhorias das condições gerais das salas de aulas, dos equipamentos utilizados. Destaco a preocupação com a construção de espaços de convivência e socialização: "Mais espaços de lazer e bem-estar", "Construção de espaços de convivência e para atividades extras", "salas para realização de atividades de clubes". Bem como a preocupação com o deslocamento IFBA-centro da cidade-IFBA, a

partir da solicitação para "Aquisição de um ônibus para transporte dos alunos"; e, a solicitação de um espaço para funcionamento e acomodação de um grêmio estudantil.

Quanto à categoria Organização curricular e didática (OCD), ainda que apareça uma solicitação por organização das práticas correntes nas práticas didáticas em curso ("definição de dias para execução de provas"), é gritante o desejo por "algo diferente" adjetivado como "melhor", "diferenciado", "estimulante", "interativo" etc. Assim, há um desejo por uma escola que foque "na aprendizagem e não só em números de aprovados", "Aulas mais interativas (com utilização de recursos interativos), mais dinâmicas ou menos monótonas", "Currículo menos tecnicista, mais cidadão – para formar cidadãos conscientes e críticos, pessoas com visão e conhecimento", "Aulas diferenciadas, interativas e estimulantes – utilizando-se de outros espaços da instituição".

Quanto à categoria Modelo de Gestão/Organização Administrativa (MG), observamos um anseio por mais participação, por transparência e impessoalidade. Como estamos nos referindo à experiência numa escola pública federal, na qual seus funcionários são servidores públicos que estão regidos por legislação específica e que dizem respeito a princípios republicanos, observamos nas propostas dos estudantes elementos de crítica, ou percepções sobre o funcionamento da instituição que não atendem às suas expectativas como usuários.

Assim, vemos o anseio por "Eleições para todos os segmentos da escola", "[...] mais participação dos alunos, mais integração", "Gestão mais democrática e participativa: com eleições gerais e diretas, transparência nas ações [...]", "Retorno financeiro/transparência dos gastos/recursos [...]", "Diálogo", "Administração mais organizada e motivador – criando, de forma discutida, novos métodos de trabalho, com mais subdivisão de tarefas dos setores, havendo mais relações entre os mesmos. A fim de que não haja desacordos desnecessários entre os setores", "Maior e mais ágil comunicação interna: criar mecanismos comunicativos para facilitar avisos, reuniões, outros informes [...]".

Quanto à categoria Relações Docente-Discente/Discente-Administração (RDD), as proposições se aproximam do anseio pela melhoria das relações aluno-professor a partir do incentivo de "clubes de estudantes", "Realização de atividades de campo", promoção de "confraternizações e comemorações em datas específicas", "Encontros onde alunos e professores possam interagir entre si sobre assuntos cotidianos" etc.

Quanto à categoria Pesquisa e Extensão (PE), vemos, talvez por ignorância ou pouca informação, um menor número de proposições. Ou talvez as proposições, pela sua abrangência,

contemplem os anseios enquanto estudantes para estes pilares. Assim, a escola que os estudantes querem precisaria investir e promover "projetos, minicursos e cursos", "projetos de extensão". Destaco duas proposições: "Incentivo a projetos que nos mostre, de forma prática, os assuntos e as matérias relacionadas ao nosso curso"; e, "Oferecimento de cursos e minicursos para os alunos, com o objetivo de nos ensinar tanto a parte técnica, mas também cursos que preparem o nosso psicológico e nos ajudem a relaxar". Mais uma vez, estas proposições concorrem para a necessidade ou desejo de ir "para além das salas de aula", para além das aulas expositivas.

Por fim, reitero que os comentários efetuados acima dizem respeito a um conjunto de propostas elaboradas ao longo de 5 encontros presenciais pelos estudantes do terceiro ano integrado de três cursos técnicos profissionalizantes de um campus da Rede Federal de Educação Técnica e Tecnológica, o IFBA. Como tal, não se trata de uma pesquisa, muito menos um resultado diagnóstico de uma investigação, e sim um esforço de problematização sobre a percepção da realidade enquanto estudante, sob a orientação e intenções do professor de Sociologia. Assim, temos, no máximo, indícios para possíveis escrutínios quanto a realidade desta e de outras escolas técnico-profissionalizantes oriundas da expansão recente da Rede Federal de Ensino Técnico pelos variados médio-municípios nos interiores do país.

Considerações finais

> "Na realidade, a sociologia tem mais chances de decepcionar ou de contrariar os poderes quando ela cumpre melhor sua função propriamente científica. Esta função não é a de servir a qualquer coisa, isto é, a alguém. Pedir à sociologia para servir a qualquer coisa é sempre uma forma de lhe pedir para servir ao poder. Enquanto sua função científica é compreender o mundo social, a começar pelo poder. Operação que não é neutra socialmente e que, sem dúvida alguma, preenche uma função social. Entre outras razões porque não existe poder que não deva uma parte – e não a menor delas – de sua eficácia ao desconhecimento dos mecanismos que o fundam" (BOURDIEU, 1983, p. 10).

Compartilho da concepção de ensino esboçada por Ileizi Silva (2009), quando entende o ensinar como "[...] uma atividade da práxis humana, que garante a produção e a reprodução da sociedade e da história" (p. 70). Assim, o ato de ensinar não é uma prática circunscrita à escola, mas uma ação política com o propósito de transformação. Dessa forma, "educar e ensinar são processos de

conflitos, de desestabilização e de constrangimentos". Afetamos e somos afetados nos processos de ensino e de aprendizagem.

Os desafios que ficaram nas coxias do relato acima endossam a complexidade da experiência da docência, do ensino e da aprendizagem. Propomos uma problematização da experiência com a escola e do desejo por uma escola. E a ideia, mais do que uma alternativa didática, foi gestada e construída como uma experiência de mobilização política, desconstrução da realidade e instigação à participação nos meandros da própria escolarização dos estudantes envolvidos no processo.

A atividade suscitou burburinhos e maledicências por parte de colegas. E os comentários concorriam para uma desqualificação ou minoração da experiência didática e de mobilização à participação sob estereótipos de ativismo egoísta ou incitamento de oposição à gestão da escola. Ora, às proposições subjazem diagnósticos ou avaliações da gestão da escola e nem sempre esses olhares ou percepções se harmonizam com as expectativas das pessoas que gerem ou trabalham na instituição escolar. Contudo, como diz Hamlin (2009, p. 81):

> Sacrificar nossa liberdade de escolher aquilo que melhor se adéqua ao nosso contexto por medo de arcar com tal responsabilidade é ir contra um dos princípios mais fundamentais da sociologia: o de que a reflexão crítica acerca dos fenômenos sociais possibilita a atuação nos assuntos públicos de forma consciente e responsável.

Entretanto, a própria resistência a partir das verbalizações ácidas sobre o "caráter da atividade/aulas" do professor de Sociologia, ou desqualificações das ações didáticas como "não-aulas", "cantigas de roda", "conversa", "assim é fácil dar aula" etc. tornou-se objeto de reflexão sobre as capilaridades do poder no cotidiano escolar, bem como fermento à compreensão da instituição escolar como um todo. Elementos da função disciplinadora e conformadora da escola como nos descreve Foucault (2008) que, como outras instituições, visa controlar, enquadrar, organizar, submeter, vigiar, formatar, fazer fluir, sujeitar. Porém, mais importante que um poder centralizador e visível, são os "micro" poderes que abarcam todo o espaço social, que nos encurralam na sua dispersividade e presença. Estes estão expressos no mobiliário, nas regras/normas de conduta, nos olhares vigilantes, nas ameaças e punições que agem sobre nossos corpos e consciências a fim de docilizar, obedecer, acomodar. E no caso de uma instituição com cursos profissionalizantes, creio que precisamos ficar vigilantes quanto às sombras que pairam de um passado ou de um presente recriado travestido de formação cidadã e crítica – a despeito das críticas que poderíamos fazer sobre este

"nobre propósito" às disciplinas das humanidades como Sociologia e Filosofia – nas escolas técnico-profissionalizantes.

> Nietzsche, que via a sua missão como a de um educador, também se horrorizava frente aquilo que as escolas faziam com a juventude: "O que elas realizam", ele dizia, "é um treinamento brutal, com o propósito de preparar vastos números de jovens, no menor espaço e tempo possível, para se tornarem usáveis e abusáveis, a serviço do governo". Se ele vivesse hoje certamente faria uma pequena modificação na sua última afirmação. Ao invés de "usáveis a serviço do governo", diria "usáveis e abusáveis a serviço da economia" (ALVES, 1994, p. 15).

Serviu também para suscitar reflexão sobre a desnaturalização da escola, sua percepção como uma instituição que foi pensada, construída e é gestada por pessoas, como variadas motivações e interesses, necessidades próprias de momentos históricos.

Nossa proposta neste relato foi a socialização de uma experiência didática para a docência de Sociologia focada em problemas ou experiências dos próprios estudantes enquanto estudantes e "internos" de uma instituição escolar. A ideia foi de problematizar, diante de queixas e manifestações de insatisfação, enfado e fadiga, perceptível na mudança, ao longo dos anos (do primeiro ao atual terceiro ano integrado), de um relativo estado de fascinação e reação ativa às novidades do ensino médio integrado ao ensino técnico-profissionalizante para uma atitude blasé, passiva, de resignação.

As propostas elaboradas foram apresentadas pelos representantes eleitos às instâncias maiores na hierarquia administrativa do campus em audiência previamente marcada[6].

Referências:

ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. São Paulo: Ars Poetica, 1994.

BOURDIEU, P. Uma ciência que perturba. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

DUBET, François. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. *Revista Brasileira de Educação*, n. 6, mai-ago, 1997.

[6] Os estudantes eleitos foram recebidos por representantes da Direção Geral e Direção Administrativa. Neste dia foram apresentadas as propostas e combinada uma nova audiência para debate. Até a finalização deste relato, uma nova data ainda não tinha sido agendada.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2008.

HAMLIN, Cynthia Lins. Desenvolvendo uma terceira cultura nas escolas: habitus sociológico, estranhamento e desnaturalização de preconceitos. *Tomo,* UFS, v. 15, 2009, p.71-82.

IFBA. *Projeto pedagógico institucional*. Salvador, 2013. Disponível em: www.portal.ifba.edu.br/portal-do-servidor/arquivos-pdf/.../ppidoifbadefinitivo.pdf.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino:* as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

NIDELCOFF, María Teresa. *As ciências sociais na escola.* São Paulo: Brasiliense, 1987.

SCHUTZ, Alfred. Atenção seletiva: relevâncias e tipificação. In: WAGNER, Helmut R. (Org.) *Fenomenologia e relações sociais.* Textos escolhidos de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. Fundamentos e metodologias do ensino de sociologia na educação básica. In: HANDFAS, Anita; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de (Org.). *A Sociologia vai à escola:* história, ensino e docência. Rio de Janeiro: Quartet/Faperj, 2009.

Agradecimentos:

Agradeço aos estudantes do IFBA *Táclida Riane Rodrigues de França* e *Renato Victor Lira Brito*, primeiramente pela participação e acolhida da proposição aqui narrada e pela leitura e observações pertinentes e cuidadosas deste relato.

Recebido em: 16 de Fevereiro de 2016
Aceito em: 16 de agosto de 2016

Anexo I: O IFBA que queremos!

Apresentamos abaixo, a partir de 5 (cinco) eixos temáticos discriminados, uma coletânea com algumas propostas/ideias para o campus, elaboradas coletivamente pelas turmas do terceiro ano integrado, no ano de 2014, ao longo das aulas de Sociologia III, no âmbito da unidade temática "Sociologia da Educação e da Escola".

ESTRUTURA FÍSICA (EF)

Diz respeito aos equipamentos permanentes do campus, bem como a sua devida manutenção. Tais como: móveis, equipamentos didáticos, prédios/edificações (estruturas edificadas) e dependências, áreas de lazer, laboratórios e seus equipamentos, pátios, iluminação, climatização, ambientação, arborização, segurança, manutenção e limpeza etc.

- Construção de espaço para refeitório e oferta de refeições gratuitas para estudantes;

- Construção de mais laboratórios e com mais equipamentos específicos; (Construção de mais andares)

- Construção de salas maiores e mais elaboradas (com estrutura para projetores e climatização, por exemplo);

- Conserto, manutenção e reforço dos equipamentos, tais como: ventiladores, portas, maçanetas, janelas etc. – compra de equipamentos com mais qualidade;

- Melhoria das redes elétricas e na infraestrutura do instituto: como a rede da internet e do *wi-fi*, e para instalação de aparelhos de ar-condicionado;

- Maior disponibilidade de equipamentos que auxiliem no aprendizado para cada curso: instalação de lousa digital nas salas de aulas;

- Disponibilização de uma cantina melhor: lanches com preços mais acessíveis, lanches naturais, mais qualidade e diversidade, bem como uma melhor estrutura física e melhor atendimento;

- Construção de espaços de convivência e para atividades extras: quadras mais equipadas, piscinas esportivas, pista de atletismo, reforma do campo de futebol e reestruturação da quadra (poliesportiva);

- Aquisição de kits poliesportivos (jogos de tabuleiro, bolas, futebol de mesa, mesas de ping-pong etc);

- Mais espaços de lazer e bem-estar;

- Transporte Centro-IFBA – aquisição de um ônibus para transporte dos alunos centro-ifba;

- Biblioteca mais equipada, com livros e vídeos educativos (filmes) mais atuais e em maior quantidade, computadores com bom funcionamento, acervo diversificado;

- Melhor organização do espaço da biblioteca: gabinetes individuais ou coletivos para estudo;

- Climatização e salas com poltronas (em função do tempo passado no instituto)

- Espaço físico para acomodação de um grêmio estudantil, onde os alunos tenham livre acesso e que seja equipado com móveis, mural, ar-condicionado e computador para um melhor aproveitamento;

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E DIDÁTICA (OCD)

Diz respeito às normas acadêmicas e disciplinares, bem como a organização do currículo (conteúdos, disciplinas, carga horária, distribuição de aulas etc.) e procedimentos metodológicos e/ou didáticos.

- Planejamento didático: definição de dias para execução de provas;

- Menos avaliações escritas e mais atividades que ultrapassem os limites geográficos do campus (que incentivem a multidisciplinaridade e as inteligências múltiplas dos estudantes);

- Grade curricular definitiva, não ocorrendo mudanças desnecessárias;

- Aulas mais interativas (com utilização de recursos interativos), mais dinâmicas ou menos monótonas;

- Atividades diferenciadas, interativas e estimulantes – utilizando-se de outros espaços da instituição;

- Provas de acordo com as aulas (horários e conteúdos);

- Escola com foco na aprendizagem e não só em números de aprovados;

- Escola mais tecnológica: maior utilização dos laboratórios e realização de visitas técnicas;

- Não juntar as turmas de cursos diferentes;

- Cursos extracurriculares com a temática "A Multidisciplinaridade da Música" e aquisição de instrumentos musicais;

- Metodologias que estimulem o aluno a aprender com participação discente no planejamento;

- Currículo menos tecnicista, mais cidadão – para formar mais cidadãos conscientes e críticos, pessoas com visão e conhecimento;

- Melhor distribuição das disciplinas na matriz curricular;

- Equipamentos para enfermaria (remédios e outros) – mais profissionais da área de enfermagem, preservando a segurança dos alunos;

- Presença e disponibilidade de médico(s) e enfermeira(o) assiduamente;

- Organização participada de calendários e horários – Participação dos estudantes na elaboração;

- Lições opcionais de música, pintura, teatro, dança, literatura e cinema em todos os anos – a fim de incentivar a criatividade;

- Maior incentivo financeiro à prática de esportes, valorização do profissional e dos horários da disciplina;

MODELO DE GESTÃO/ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA (MG)

Diz respeito ao modo como a instituição é gerida/administrada. Podendo ser, por exemplo, democrático-participativo, autoritário/centralizador, gestão por demanda (laissez-faire), bem como ao âmbito das relações interpessoais no trabalho (gestão de pessoas e recursos). Diz respeito também

às ações de gestão: contratação de profissionais, rotinas de trabalho, planejamento e execução de ações administrativas etc.

- Escola mais organizada, "menos burocrática" – mais participação dos alunos, mais integração;

- Eleições para todos os segmentos da escola;

- Novas maneiras de administração – visando um campus mais sustentável;

- Investimentos em projetos de pesquisa e extensão (bolsas de estudo etc.): investimento em alunos ou em grupos de alunos que estão envolvidos em projetos de pesquisa;

- Gestão mais democrática e participativa: com eleições gerais e diretas, transparência nas ações, a fim de garantir uma maior integração com os alunos;

- Administração mais organizada e motivadora – criando, de forma discutida, novos métodos de trabalho, com mais subdivisão de tarefas dos setores, havendo mais relações entre os mesmos. A fim de que não haja desacordos desnecessários entre os setores;

- Lugares para receber e acolher os estudantes do câmpus Paulo Afonso e de outros;

- Retorno financeiro/transparência dos gastos/recursos: relatórios demonstrando todo o dinheiro que chegou à instituição e de que maneira é, foi e será gasto, bem como exposição de documentos e reuniões com os representantes de todos os segmentos;

- Diálogo – Como? A partir de reuniões frequentes com a comunidade acadêmica sobre a situação do campus; Por quê? Para que possamos estar a par de todos os assuntos da instituição, todos os passos que o colégio dá, e todas as decisões tomadas pelos representantes e gestores;

- Maior e mais ágil comunicação interna: criar mecanismos comunicativos para facilitar avisos, reuniões, outros informes, tais como: e-mail, rádio, cartazes etc.;

- Contratação de mais professores – há necessidades de contratação de mais professores pelo fato de que as turmas de cursos diferentes estão tendo aulas juntas, atrapalhando o desempenho em geral; Para que estes possam desenvolver outras atividades, como pesquisa e extensão, envolvendo, inclusive, os estudantes;

- Contratação de mais professores a fim de que não haja sobrecarga de aulas para aqueles docentes que são os únicos nas áreas ou disciplinas, e também por uma questão didático-pedagógica;

- Ações de conscientização e fiscalização para a garantia da não depredação do patrimônio público;

RELAÇÕES DOCENTE-DISCENTE/ DISCENTE-ADMINISTRAÇÃO-GESTÃO (RDD)

Diz respeito aos direitos e deveres dos docentes, discentes e demais servidores no âmbito da instituição. Bem como aspectos relacionados à civilidade e ética (respeito mútuo, diálogo, participação, colaboração, pró-atividade, iniciativa etc.).

- Melhoria nas relações aluno-professor – realização de atividades específicas e maior presença do corpo pedagógico;

- Cumprimento dos horários e acordos feitos entre os professores e alunos, a partir de intermediação do DIREN e/ou coordenações de cursos ou áreas;

- Realização de trabalhos e atividades que melhorem o relacionamento de aluno e professor;

- Realização de atividades de campo;

- Incentivar clubes estudantis;

- Promover confraternizações e comemorações em datas específicas;

- Encontros onde alunos e professores possam interagir entre si sobre assuntos cotidianos.

PESQUISA E EXTENSÃO (PE)

Diz respeito aos demais pilares, além do ensino – ainda que articulados a este –, da instituição: a pesquisa (acadêmica) e a extensão (ações extensionistas: projetos, cursos, minicursos, eventos etc.). Refere-se à articulação entre saber constituído, saber construído e saber aplicado/replicado. Dessa forma, combina as relações entre comunidade escolar e comunidade "externa".

- Investimento e promoção em projetos, minicursos e cursos. Inclusive a partir dos laboratórios;

- Usar mais laboratórios ao longo dos cursos;

- Incentivo a mais projetos de extensão;

- Incentivo a projetos que nos mostrem, de forma prática, os assuntos e as matérias relacionados ao nosso curso;

- Efetuar acordos com empresas que estejam interessadas em projetos de pesquisa;

- Construção de salas especializadas para a execução de projetos;

- Oferecimento de cursos e minicursos para os alunos, com o objetivo de nos ensinar tanto a parte técnica, mas também cursos que preparem o nosso psicológico e nos ajudem a relaxar.